

ASPECTOS DOUTRINÁRIOS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Maj Art **KLEBER FREDERICO DE OLIVEIRA**
Oficial de Estado-Maior

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO
2. GÊNESE HISTÓRICA
3. CONCEITUAÇÃO
4. TÉCNICAS REVOLUCIONÁRIAS
 - a. Referências
 - b. Técnicas destrutivas
 - c. Técnicas construtivas
5. DESENVOLVIMENTO
 - a. Estática
 - b. Dinâmica
6. CONDIÇÕES DE ECLOSÃO
7. ARMAS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA
8. AS FORÇAS ARMADAS NA AÇÃO ANTI-REVOLUCIONÁRIA
9. CONCLUSÕES

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi organizado com base em uma sessão de instrução para oficiais, realizada no QGR-5 como parte de um Exercício de Quadros versando sobre Guerra Revolucionária.

Sua finalidade é dar difusão dentro das organizações militares da 5ª RM-DI de aspectos relevantes do assunto.

Em face da inexistência de uma doutrina já sedimentada sobre guerra revolucionária, este trabalho procurará focalizar pontos de interesse, coligidos em diversas fontes.

É oportuno lembrar, antes de se examinar propriamente a questão, que os processos e ações da guerra revolucionária não envolvem apenas os elementos militares; atingem com os seus tentáculos a população civil em todos os grupos sociais. A universalidade dos campos de operação da guerra revolucionária permite mesmo afirmar que ela atua muito mais no âmbito civil do que no militar.

2. GÊNESE HISTÓRICA

No ano de 1917 chegou Lenine a Petrogrado, hoje Leningrado. Da Suíça — onde vivia exilado — à Rússia, viajou ele com a complacência, senão sob a inspiração do governo alemão que, em guerra com a Rússia, via em Lenine o líder revolucionário adequado para dentro da Rússia provocar pela insurreição popular a queda do governo tsarista, e em consequência a vitória das armas alemãs.

“Terra e paz” — eis as palavras com que Lenine, orador de escol e político habilíssimo, dirigiu-se ao povo russo. Sobre estas duas promessas, aspirações máximas do povo, edificou-se a revolução de Novembro.

Decorridos 45 anos, está a Alemanha dividida em campos irremediavelmente opostos, sofrendo em seu próprio corpo de nação os resultados da revolução que estimulou em 1917.

Após se apossarem do poder, os bolchevistas proclamaram o novo governo uma “ditadura do proletariado”. Depois de 1920, derrotados em sangrenta guerra civil os “brancos” reacionários, os dirigentes comunistas começaram a desenvolver a doutrina da guerra civil, sua estratégia e sua tática.

Nestes estudos, após as divergências entre Lenine e Trotsky, triunfou o primeiro que pronunciou a seguinte diretriz: “A Rússia assumirá imediatamente a pesada responsabilidade de levar a revolução a todo o globo, conduzindo a humanidade para o comunismo”.

Para a luta que se prenunciava, o instrumento de combate seria o Partido Comunista, a elite dirigente que teria a missão de conduzir as massas passivas ao redil soviético.

Os primeiros teóricos da guerra revolucionária começaram a surgir: Frunze imaginou, então, a associação da guerra clássica e da guerra civil, em uma mesma direção estratégica, “usando as reservas revolucionárias do Exército Vermelho, criadas além das fronteiras da URSS”.

Em 1924 desaparece Lenine, o último líder da revolução de 1917. Foi sucedido por Stalin, que conseguiu eliminar os seus rivais, inclusive Trotsky. Um ano mais tarde, sob o influxo das idéias de Stalin, o Komintern expede a seguinte prescrição aos comunistas de todo o

mundo: "Sustentar os movimentos nacionais revolucionários dos povos oprimidos e impeli-los para um caminho bem definido — o da luta revolucionária, sem esquecer de criar células no seio das organizações nacionais revolucionárias".

A primeira vista, a finalidade da diretriz acima seria a formação de reservas para a revolução na Ásia e na África.

Entretanto, a análise cuidadosa da mesma diretriz mostrava duas contradições básicas com a doutrina oficial do Partido:

1ª) Sendo o Comunismo um movimento por sua própria natureza internacional, preconizava-se o nacionalismo como força propulsora da Revolução;

2ª) Fundamentando-se a doutrina marxista em que "a desigualdade econômica das classes sociais, materializada em particular na luta entre o capitalismo e o proletariado, constitui o motor da história" (Marx), não havia como aplicá-la em regiões onde não existia o "proletariado" da concepção marxista — pois este era o caso da Ásia e da África.

A perturbação dos teóricos comunistas foi grande.

Coube a Bukharin solucionar o problema, admitindo que muito embora os movimentos de emancipação dos povos asiáticos e africanos nada tenham de conteúdo marxista — sendo, pelo contrário, de fundo burguês — são em última análise hostis ao capitalismo ocidental; poderiam assim ser aproveitados em benefício da Revolução. A síntese do seu pensamento foi traduzida em uma diretriz do Komintern, datada de 1928:

"Se queremos acelerar o fim do capitalismo, se queremos fazer aproximar no tempo a vitória da Revolução, notemos que a máquina capitalista não se nutre apenas do proletariado operário, mas também das matérias-primas. Ora, as matérias-primas estão espalhadas por todo o globo terrestre. Um levante geral dos povos privará o ocidente capitalista das matérias-primas, dos mercados consumidores dos seus produtos, e levará os países burgueses ao caos econômico e o operariado à revolução social".

Em consequência da diretriz acima, distribuída na época às seções extranacionais de todo o Partido, a guerra revolucionária tornou-se global: o seu campo de batalha é o mundo, e o seu objetivo a destruição final do sistema capitalista privado.

Na Escola de Guerra Política da Criméia, fundada como órgão de pesquisa, estudo e formação de líderes revolucionários, surgiu alguns anos depois um novo nome, que iria projetar a força de suas idéias muito longe das fronteiras da URSS: Mao-Tse-Tung. Ao pesquisar os motivos de diversos fracassos da guerra revolucionária, eis como ele aponta os motivos dos insucessos:

"A nossa guerra será perdida, tal qual a concebeis. Perdida porque não tendes em conta um caráter essencial, porque lhe falta um caráter essencial: esta guerra é uma guerra total. Ela é total porque cada indivíduo é um objetivo da guerra revolucionária; porque todas as atividades de um estado, duma sociedade, contribuem para criar neste indivíduo-objetivo um estado de espírito. Em consequência, todas as atividades de um estado, de uma sociedade, devem ser consideradas em função da guerra revolucionária".

Definia-se assim o caráter total da guerra revolucionária: além da extensão geográfica mundial, ela se aplicava agora também na extensão social, estabelecendo como objetivo essencial o domínio do homem e da sua mente.

É esta nova modalidade de luta, nova em suas concepções, nova em seus princípios, que tem dado realidade à profecia de Lenine, que em 1917 afirmou:

"Daqui a cinquenta anos, os exércitos deixarão de ter grande sentido. Teremos corrompido suficientemente os nossos adversários antes que o conflito armado de desencadeie, de forma que o aparelho militar do inimigo não possa ser utilizado na hora própria".

Esta breve síntese da história da guerra revolucionária não estaria completa sem citar a afirmação de Vishynsky, em 1954, feita da tribuna da ONU:

"Nós não venceremos o ocidente por meio da bomba atômica. Venceremos com qualquer coisa que o ocidente não compreende: as nossas cabeças, as nossas idéias, as nossas doutrinas".

A tese acima se harmoniza com o que preconiza Bulganin:

"A guerra moderna é uma guerra psicológica, devendo as Forças Armadas servir apenas para deter um ataque armado ou, eventualmente, ocupar território conquistado pela ação psicológica".

3. CONCEITUAÇÃO

Baseado nos estudos realizados principalmente por autores franceses, cuja experiência se firma na guerra da Indochina, da Argélia e do Marrocos, o EMFA recomenda as seguintes conceituações (F-E-01/61).

a. Guerra Insurrecional

É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, em que uma parte da população — auxiliada e reforçada, ou não, do exterior, mas sem estar apoiada em uma ideologia — empenha-se contra a autoridade (de direito ou de fato) que detém o poder, com o objetivo de a depor ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe forem impostas.

b. Subversão ou Guerra Subversiva

É o conjunto de ações, de âmbito local, de cunho tático e de caráter predominantemente psicológico, que buscam — de maneira lenta, progressiva, insidiosa e, pelo menos inicialmente, clandestina e sem violência — a conquista física e espiritual da população sobre a qual são desencadeadas, através da destruição das bases fundamentais da comunidade que integra, da decadência e da perda da consciência moral, da falta de fé em seus dirigentes e do desprezo às instituições vigentes, levando-a a aspirar uma forma de comunidade totalmente diferente, pela qual se dispõe ao sacrifício.

c. Guerra Revolucionária

É a guerra interna, de concepção marxista-leninista e de possível adoção por movimentos revolucionários diversos que — apoiados em uma ideologia, estimulados e, até mesmo auxiliados do exterior — visam à conquista do poder através do controle progressivo, físico e espiritual, da população sobre que é desencadeada, desenvolvendo-se segundo um processo determinado, com a ajuda de técnicas particulares e da parcela da população assim subvertida.

d. Ação Psicológica

É o conjunto de ações de âmbito local, de cunho tático, de tipo defensivo e de caráter predominantemente psicológico, desenvolvidas nos diversos campos da esfera governamental, tendo em vista: de um lado, enrijecer a formação moral e cívica da população, fortalecer sua consciência política, aglutiná-la aos seus dirigentes e às suas instituições, fornecer-lhe meios eficientes de autodefesa individual e coletiva face à ofensiva da Subversão ou da Guerra Psicológica que sobre ela se desencadear; de outro, robustecer a moral das tropas amigas, tornando-as invulneráveis aos efeitos da Guerra Psicológica.

e. Guerra Psicológica

É o conjunto de ações, de âmbito local ou geral, de cunho tático ou estratégico, de tipo ofensivo e de caráter predominantemente psicológico, que complementam as operações militares, objetivando: de um lado, minar o moral da população inimiga, enfraquecer sua vontade de lutar, pela inoculação do desânimo e do desespero, obter o desequilíbrio espiritual de seus líderes civis e militares e incutir, naquela e nestes, a idéia de derrota honrosa como a melhor solução; de outro, destruir, neutralizar ou, pelo menos, reduzir a determinação e a capacidade combativa das tropas inimigas, de tal forma que a vitória venha a ser lançada pelo menor custo possível.

f. Guerra Fria

É o conjunto de ações e reações que se situam no âmbito mundial e nos domínios da Estratégia Geral, levadas a efeito, direta ou indiretamente, pelas potências líderes de coligações de nações antagônicas, cujas relações são mantidas em permanente estado de tensão, mediante a utilização, à base do fator psicológico, dos mais diversos meios, inclusive o apoio, velado ou não, a focos isolados de luta armada, com

a finalidade de exercer pressão sobre os dirigentes da coligação antagônica, no sentido de que adotem decisões que facilitem a consecução dos interesses vitais em vista, bem como sobre a opinião pública respectiva, tendo em vista a criação, em seu seio, de um ambiente psicológico favorável à concretização desses interesses, tudo sem a abertura das hostilidades entre as forças armadas principais.

4. TÉCNICAS REVOLUCIONÁRIAS

A finalidade da guerra revolucionária é substituir a atual sociedade, baseada no homem-indivíduo, pela nova sociedade, baseada na massa-estado.

Para cumprir esta tarefa, é preciso destruir tudo que há organizado, e tudo reconstruir.

a. Referências

Antes de analisar as técnicas revolucionárias, procuraremos assimilar referências a termos peculiares à guerra convencional, o que facilitará a compreensão do mecanismo deste novo tipo de guerra.

- (1) Terreno: A guerra revolucionária se desenvolve quase exclusivamente nos sentimentos e no pensamento das populações. O "campo" da batalha é, assim, subjetivo: trata-se de uma luta psicológica e a ação militar, materializada em princípio pela guerrilha, é uma decorrência do fato político. A vitória das armas é apenas uma implicação da vitória mental; é como que o aproveitamento do êxito depois da ruptura de uma posição defensiva. Em 1949 as forças de Chiang-Kai-Chek se "dissolveram" diante do exército revolucionário de Mao-Tse-Tung. Sem perdas, sem dificuldades, ocupou ele toda a China — engrossando em toda parte suas fileiras com os desertores e com os "espectadores" que se apressavam a aderir ao vencedor. Em Cuba, depois de fixar-se na opinião pública como líder-libertador, Fidel Castro com 6.000 partidários fez capitular o exército de Batista, forte de 25.000 homens porém desorientado e desmoralizado.
- (2) Objetivo: O que a ação revolucionária procura conquistar é, então — e essencialmente — o pensamento do homem: primeiro como unidade, depois como grupo social e finalmente como nação. O domínio das "massas populares" é o objetivo primordial e chave do sucesso — é quase o único fator constante em todas as guerras revolucionárias. Tudo o mais é mutável, flexível, extremamente variável.

- (3) Vias de acesso: Em tôdas as sociedades, ainda que sadias e fortes, há o que se denomina "contradições internas". São as linhas de menor resistência, as brechas da armadura social. Podem ser de várias espécies:

- políticas: como tendências separatistas; de emancipação nacional; de aversão a determinada nação vizinha; ditadura despótica; etc.
- econômicas: como extrema desigualdade na distribuição da renda nacional; desequilíbrio entre grandes regiões geo-econômicas supostas ou reais espoliações por grupos capitalistas; inflação exagerada; etc.
- sociais: discriminação racial; má distribuição da justiça; deficiente organização administrativa; etc. Eis aí as fendas pelas quais se instila gôta a gôta, dia a dia, a idéia da revolução.

- (4) Acidentes capitais: São as partes componentes do corpo social, cujo domínio poderia permitir manter em marcha o processo destrutivo da estrutura social vigente, e substituí-la pela sociedade marxista. Por exemplo:

- a população agrícola ("camponeses", na terminologia revolucionária), que, produzindo alimentos para as cidades, precisa ser "trabalhada" para no momento oportuno criar a crise na produção dos alimentos;
- o sistema de transportes (marítimo, fluvial, ferroviário, rodoviário e urbano) com o fim de imobilizar e retardar o fluxo dos bens produzidos;
- o sistema bancário, para controlar e sustar, se necessário, a circulação financeira, essencial para o mundo capitalista.
- o sistema estudantil, com vistas a propiciar a penetração nos líderes do futuro;
- as forças armadas, para solapar sua união e pela cisão enfraquecer-lhe a capacidade de resistir na defesa da ordem estabelecida;
- a imprensa, com o fim de conduzir a opinião pública na direção favorável aos desígnios revolucionários;

- e muitos outros, conforme as circunstâncias.
- (5) Obstáculos: a ação revolucionária é prejudicada quando a população visada apresenta:
 - bom padrão de vida do povo, e sobretudo, índices relativos de melhoria neste padrão;
 - adequada legislação protegendo o operário, o lavrador, o comerciante, etc;
 - espírito religioso da população;
 - coesão social e política;
 - repartição razoável da renda nacional;
 - líderes democráticos valorosos, capazes de pelo seu alto padrão moral criar correntes de opinião anti-revolucionária.

b. Técnicas destrutivas e construtivas.

A guerra revolucionária procura destruir a sociedade constituída, e construir progressivamente a sociedade revolucionária com o material obtido.

Uma imagem esquemática seria a de uma casa, da qual diariamente se tirassem alguns tijolos, e com estes se construísse ao lado outra casa.

As técnicas destrutivas e construtivas, como se vê, longe de serem antagônicas ou sucessivas no tempo, são complementares, simultâneas e intimamente relacionadas: o seu campo de ação é tanto o plano moral como o material. A apresentação das principais técnicas será feita em grupos separados apenas por motivos didáticos e expositivos; é preciso considerar que em cada caso estas técnicas serão aplicadas segundo as circunstâncias locais.

(1) Técnicas destrutivas:

Para fraturar a estrutura social:

- Greves, justas ou injustas.
- Resistência passiva.
- Motins, depredações e agitação.
- Terrorismo seletivo.

Para intimidar os membros da sociedade (individualmente ou como grupo social):

- Manejo das massas (comícios, passeatas, etc).
- Terrorismo sistemático;
- Sabotagem
- Campanhas de "amaciamento", pela imprensa simpatizante.
- Guerrilhas, na fase final.

Para desmoralizar as elites sociais (em particular são visados os dirigentes político-militares):

- Negação dos êxitos
- Ampliação e divulgação dos erros
- Proclamação da ineficiência da justiça
- Estabelecimento de dúvidas sobre a honorabilidade dos chefes, magistrados, etc.
- Para eliminar os resistentes, os "duros" (na terminologia revolucionária):
- Liquidação física, isto é, assassinato
- Execuções em grupo ou em massa
- Deportações.
- Depurações
- Batalhas de aniquilamento.

Para intoxicar os neutros (melhor seria dizer: os que se julgam neutros):

- Garantias fictícias, que serão desprezadas mais tarde.
- Utilização de cobertura, levantando causas justas como ideologia intermediária.

(2) Técnicas construtivas:

- Selecionar e formar elementos ativos, segundo as especialidades necessárias (líderes, propagandistas, agitadores, sabotadores, voluntários para missões de sacrifício).
- Semear a pregação revolucionária para nuclear a população segundo o padrão marxista: os ativistas e os quadros, individualmente e sempre que possível, pregar a revolução como solução do problema social.
- Impregnação psicológica: criação de estímulos para dar ânimo à população indiferente e catequizá-la. Materializados em "slogans" que se repetem incessantemente, busca-se aí não o domínio da opinião individual (objetivo da "semeadura") mas da população em conjunto.
- Enquadramento da "massa": insuflado pelos ativistas e doutrinado pelos "slogans" o povo precisa ser enquadrado por um sistema de "hierarquias paralelas", que o conduzirá. Trata-se de preparar o arcabouço da nova ordem social: ao lado de cada representante da administração pública,

aparece um elemento controlado pelos revolucionários, uma "sombra" que dilui e esvazia a sua autoridade. São as associações de todo o tipo, como:

- sindicatos diversos, articulados em todos os níveis, desde a fábrica ao âmbito nacional.
- organizações estudantis, estruturadas e articuladas em todos os graus do ensino;
- associações rurais pleiteando a posse da terra.
- sociedades esportivas diversas.
- comitês locais, organizados em pirâmide desde a célula do bairro até o Comitê Central;
- finalmente o próprio Partido.
- Edificações da sociedade revolucionária, pela criação de pontos e bases de apoio, que se multiplicam e se associam, criando progressivamente "zonas liberadas" controladas pelo Governo Revolucionário.

5. DESENVOLVIMENTO

Estudaremos o processo evolutivo revolucionário de duas formas: sob o ponto de vista estático, dividindo-o em fases, segundo o pensamento dos autores franceses e recomendação do EME; depois, sob o ponto de vista dinâmico, em uma descrição sumária do seu mecanismo de ação.

Observe-se entretanto que os conflitos revolucionários apresentam enorme diversidade pela multiplicidade dos fatores que neles intervêm, situações iniciais, objetivos a atingir, ambiente humano a trabalhar, atitude dos países estrangeiros, regime social vigente, etc. As variantes são muito numerosas, o que dificulta a padronização do estudo.

a. Estática da revolução.

Aceita-se a divisão da guerra revolucionária em dois períodos, compreendendo estes cinco fases. Não se deve supor que esta divisão seja rígida. As reações do poder legal, as condições peculiares de cada caso, os erros dos revolucionários, podem conduzir a retrocessos ou a superposição das fases.

(1) Período preparatório:

Este período se caracteriza pela clandestinidade da organização revolucionária, pela implantação da sua infra-estrutura no organismo social e pela ação psicológica visando criar de um lado ambiente favorável à ideologia e de outro solapamento do regime constituído (note-se a associação das técnicas destrutivas e construtivas). Suas fases são:

- (a) Organização: trata-se, primeiro da "envenenar" as contradições internas da sociedade visada. Núcleos ativos e secretos são constituídos. Uma agitação bem

coordenada e intensa focaliza as falhas da administração, exagerando suas conseqüências. A opinião pública é exacerbada por meio de artigos na imprensa, reuniões públicas, cartazes ou pichamentos. Organiza-se a rede revolucionária, sob as condições do mais rigoroso sigilo.

- (b) Ampliação: a segunda fase visa à criação do clima para a revolução. As ações necessárias serão as greves, a sabotagem, manifestações de rua. É como o crescimento da "febre social", começada na 1ª fase. Começa a infiltração dos elementos revolucionários nos órgãos da administração pública, a princípio veladamente e depois ostensivamente: assim a pressão sobre o núcleo dirigente é feita de forma convergente e com o apoio legal daqueles. Organiza-se a rede de informações revolucionárias. No fim desta fase produzem-se atentados de efeitos espetaculares: incêndios, descarrilamentos, etc. A imprensa sensacionalista agrava os seus resultados e os seus efeitos sobre a economia nacional. A conseqüência de tudo isto é o descontentamento com a administração pública e o aparecimento do "clima revolucionário": está concluído o período preparatório.

- (2) Período revolucionário (ou período da violência).

A violência torna-se fator comum na ação. A população, efetivamente controlada pelas hierarquias paralelas, toma parte — a princípio passivamente, depois ativamente — na luta: termina por engajar-se a fundo, ao cabo de um tempo mais ou menos longo. Neste período distinguem-se três fases:

- (c) Ativação das massas: começa a tomar corpo a construção da sociedade revolucionária. Com a generalização da violência sistemática e do terrorismo, ultimase a ruptura do contato físico e psicológico entre as massas e as elites; surge a administração revolucionária que enquadra a população e assegura a sua cumplicidade passiva, em "bases" liberadas onde se desenvolve o espírito de guerrilha. No fim da fase os primeiros guerrilheiros começam a atuar, beneficiando-se daquelas bases.
- (d) Criação das forças semi-regulares: nucleares em torno dos bandos guerrilheiros que apareceram em torno das "bases", as forças semi-regulares ampliam sua zona de ação. Com o crescimento da organização, e o alargamento das bases, diferencia-se a estrutura revolucionária nos planos militar e civil. Surge o "coletor de contribuições", o "juiz", o "agente de segurança". Nas bases onde já se sente em segurança,

instaura-se o "governo provisório" que lança as suas primeiras proclamações e assegura com sua ação administrativa o apoio logístico à revolução.

- (e) Aparição do exército regular: as "zonas liberadas" ou "bases" crescem progressivamente e se aglutinam tornando-se afinal maiores que o resto do país. Quando a hierarquia legal já está tão sem substância, tão desmoralizada que não possa opor uma resistência coordenada, o Exército regular revolucionário, estruturado nos estágios sucessivos de "tropas locais", "guerrilheiros" e "tropas regionais", faz sua aparição triunfal. Este exército surge depois que os chefes subversivos controlem uma área considerável de território, em geral situada em um terreno difícil e apoiada na fronteira de um país amigo. Nos últimos estágios da 5ª fase, a sociedade já é como o fruto podre que basta um sopro mais forte da brisa para ser derrubado. Este sopro é exatamente a aparição do exército revolucionário, como ocorreu na China em 1949, embora a revolução tenha tido suas sementes naquele país em 1930.

A componente mais valiosa do exército revolucionário é o apoio popular. Ele só é empregado quando passa a ser o sonho de toda a sociedade ingressar nas suas fileiras: foi assim que se criou a infantaria do Viet-Minh, que nas selvas e nos pântanos da alta fronteira com a China infligiu derrota sobre derrota às treinadas forças francesas inclusive à famosa Legião Estrangeira. Para ilustrar a assertiva acima nada mais oportuno do que este conhecido pensamento de Mao-Tse-Tung:

"Em nossa guerra, o povo armado e a pequena guerra de guerrilhas, de uma parte, e o Exército Vermelho como a força principal de outra parte, são como os braços de um homem. Um Exército Vermelho, força principal, sem o apoio da população em armas e das guerrilhas, será um guerreiro aleijado".

b. Dinâmica da revolução

Fizemos a análise, a dissecação da guerra revolucionária; procuraremos agora fixá-la em um quadro contínuo e geral, em uma síntese esquemática.

O primeiro passo é fixar uma ou várias ideologias básicas, que naturalmente não possuem conteúdo marxista. Com efeito, reconhecemos os teóricos revolucionários que a ideologia comunista apresentada desde logo não obteria senão fraquíssima adesão. Ademais, o marxismo tem todo interesse em atuar a coberto de outras ideologias, pois em caso de insucesso não sofrerá os efeitos da derrota; a subversão, se realizada por um movimento reconhecidamente não-marxista, lança nos espíritos uma confusão que permite amortecer as reações e recrutar elementos que não seguiriam o comunismo declarado. Eventualmente,

esta "cobertura" pode conseguir aliados fora do país ou pelo menos garantir neutralidades. A ideologia escudo varia de país para país: o essencial é que seja aceita pela população como aspiração nacional.

Fixada e difundida a ideologia intermediária, criou-se "ponte" para penetrar na mente do homem do povo: é o tema de agressão à sociedade constituída.

Organizam-se as células de agitadores e propagandistas que vão semear em toda a parte e a todo instante a idéia da revolução, explorando e agravando a contradição interna mais indicada a cada ouvinte, segundo o seu grupo social ou nível intelectual.

Forma-se uma rede, que coleta e difunde informações. Nesta rede só se admitem elementos bem conhecidos; cada elo conhece apenas os imediatos. O sigilo de sua ação é a sua garantia de sobrevivência.

Monta-se assim o partido, clandestinamente. Nada transparece na sociedade atacada; mas, como o câncer no organismo humano, o seu ataque já começou.

Aos poucos, nutrindo-se da força das idéias e da gravidade das contradições internas, a organização se amplia, através de associações aparentemente inocentes, mas nas quais uma minoria muito ativa garante o controle do partido.

Transcorre calma e rotineira a vida nacional. Poucos são os que, tendo estudado o problema, vêm os primeiros sinais que denunciam a atividade revolucionária: os seus avisos às autoridades são desprezados. Despercebida pela sociedade, a semente da revolução continua a germinar, insidiosa e virulenta.

Um belo dia começam os atentados. Tudo é inexplicável pois as acusações de sua execução são de parte a parte, e a confusão nos espíritos é enorme. A autoridade, brutalmente colocada diante de um fato extraordinário, reage com sua polícia no quadro das leis ordinárias. Instintivamente a população se retrai, e assiste aos golpes trocados entre policiais e revolucionários.

Determinado tipo de imprensa aumenta a confusão dos espíritos, procurando divorciar a população do governo.

Em seu estágio primitivo, o terrorismo golpeia indiscriminadamente: seu único fim é provocar o medo; é preciso que cada um julgue que será a próxima vítima. As vítimas não são — como se poderia supor — gerais, magistrados ou funcionários qualificados; são o simples policial, o contínuo, o carteiro o guarda noturno — em suma os pequenos, os modestos, os humildes. Há razões para isso: é muito mais fácil matar na base da pirâmide social do que no seu vértice; além disto o terror difundido será muito maior, pela incerteza da próxima vítima. Os que caem trazem um letrero: "Eis a morte reservada aos traidores!" Certamente muito poucas vítimas chegaram a dar informações à polícia; talvez nenhuma — mas o resultado é o mesmo, pois

os mortos não se defendem e todos pensam que "o Sr. X era um informante da polícia".

A população aterrorizada concentra-se sobre si mesma; está assim construído o "muro de silêncio": ninguém viu nada, ninguém sabe de nada. Está rompido o contato físico e psíquico entre o povo e o governo.

O inimigo ganhou a sua batalha, isto é, garantiu a cumplicidade do silêncio. Domina o país a atmosfera propícia à revolução, pois a estrutura social está perigosamente minada — e no entanto, não houve ainda motivo para emprego da máquina militar do estado, que vê imponente o desmoronamento da sociedade.

A partir deste momento a atividade revolucionária começa a se dissociar em dois planos: civil e militar. No plano militar, aparecem os primeiros elementos armados que, acobertados pela população aterrorizada, apenas terão de esconder-se das forças policiais. De dia, são lavradores, operários, comerciários; à noite, guerrilheiros, sabotadores, agitadores. Ninguém os denuncia, pois a cumplicidade do silêncio é mantida por alguns assassinatos ou atentados oportunos.

No plano civil aumenta a penetração dos revolucionários na máquina do governo, que muitas vezes procura contemporizar e negociar sofrendo cada vez mais, em sua passividade, os efeitos da ação revolucionária.

Cada vez mais a população se engaja na luta, apoiando as guerrilhas, que se propõem a destruir pela força ou neutralizar pelo terror as organizações ainda sãs.

Diz-se então, no jargão marxista, que "as massas estão ativadas".

O terror e a aliciação aumentam as fileiras dos guerrilheiros. Os bandos começam a se hierarquizar, e apóiam-se logisticamente em uma organização civil paralela, a qual tira os meios necessários das primeiras "bases" liberadas. Extensas ou pequenas, clandestinas ou defendidas, estas são regiões onde a população, submetida a cerrado controle revolucionário, tudo dá aos guerrilheiros e tudo nega ao exercício legal. Os guerrilheiros são cobertos pela cumplicidade geral, obtêm informações e guias; seus feridos são tratados e escondidos; o reabastecimento é assegurado por depósitos dispersos e que ninguém sabe onde ficam. Ao contrário, os agentes do poder legal são sabotados, não obtêm guias nem informações, senão erradas; são sempre denunciados; sucedem-se os desastres às suas vias de comunicações e aos seus órgãos logísticos.

Sangrada em combates sem glória, a força militar legal começa a se desmoralizar e tende a retrair para as cidades, mais fáceis de defender.

A propaganda e o terror continuam a atuar sobre a população levando-a a enfileirar-se sob a bandeira revolucionária. As "hierarquias

paralelas" crescem a tal ponto que ao lado de cada personagem oficial há o seu "duplo" revolucionário, que com sua ação esvazia a autoridade do primeiro.

Neste momento, a legalidade muda de campo.

Começa a fase final da luta.

As bases liberadas crescem e se aglutinam. Aparece afinal o exército regular revolucionário, que constitui mais um atributo da soberania do governo revolucionário, reforçando a sua posição nos planos nacional e internacional. Em uma espécie de marcha triunfal, o exército regular revolucionário desencadeia a "contra-ofensiva geral". Sendo qualquer situação neste tipo de guerra avaliada pela capacidade de cada campo em controlar a população, esta "contra-ofensiva" se desenvolve em três componentes: psicologia, política e militar. A intervenção militar muitas vezes é desnecessária pois o organismo social envenenado, desmoralizado e enfraquecido desmorona sem tentar defender-se pelas armas.

6. CONDIÇÕES DE ECLOSAO

Para que a guerra revolucionária possa irromper, subsistir e eventualmente vencer, é necessária a existência de condições favoráveis, que melhor podem ser entendidas após o estudo do seu processo evolutivo.

Sendo a guerra revolucionária um instrumento de domínio político-psicológico, ela precisa de ambiente para nutrir-se, impulso para progredir e chefes para conduzi-la.

O ambiente é, como vimos, atmosfera que envolve e alimenta a revolução — "a população é para o revolucionário o que a água é para o peixe" — com suas contradições sociais, políticas e econômicas. Este ambiente se encontra nos países subdesenvolvidos, nas regiões oprimidas por um domínio colonial estrangeiro, nas nações submetidas a um governo despótico, ou exploradas por organizações econômicas poderosas e potentes.

Não basta, porém, a condição de opressão — seja qual for o seu tipo — para que como numa geração espontânea apareça o processo revolucionário.

É necessário o impulso para o início da ação e para a manutenção do movimento, tanto mais necessário quanto menos adiantado estiver o processo. Este impulso vem de um apoio externo, que pode ser:

— moral: sob forma de propaganda destrutiva e construtiva e na formação dos quadros revolucionários;

— material: fornecimento de suprimentos civis e militares, e assessoramento técnico.

Entretanto, parece que a condição mais importante é a existência de líderes nacionais ativos e hábeis, capazes de polarizar a opinião pública, e ganhar o respeito e a dedicação das forças que chefiavam. Não há insurreição sem um líder: a história aponta Lenine na Rússia, Mao-Tse-Tung na China, Ho-Chi-Minh na Indochina, Fidel Castro em Cuba.

Só a presença do líder dá união e caráter nacional à revolução, que o interesse e o apoio proveniente do exterior poderiam desfigurar.

Além disto, os partidos nacionais revolucionários freqüentemente fogem ao controle externo, o que pode levá-los ao cometimento de erros oriundos da impaciência em galgar o poder: daí a importância do líder nacional, único elemento capaz de moderar a precipitação dos menos prudentes, com a autoridade moral e material da sua presença.

7. ARMAS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Aqui o conceito de "arma" se afasta do que nos é familiar, oriundo da guerra clássica; talvez coubesse melhor o termo "instrumentos", que são os seguintes:

- Ideologia intermediária: é o meio defensivo com que a revolução se cobre para disfarçar sua verdadeira intenção.

- Propaganda: provavelmente a principal ferramenta da guerra revolucionária, pois se presta para destruir (desmoralizando, dividindo, intimidando, excitando) como para construir (exaltando, exagerando, encorajando os tímidos).

Para atuar, a técnica moderna dispõe de um arsenal completo à disposição da propaganda: imprensa falada e escrita, TV, panfletos, livros, revistas.

- Agitação: a agitação é uma forma local da propaganda, em geral com fins destrutivos. Surge aí a figura do agitador; podemos dizer que a propaganda é uma arma estratégica, e agitação é uma arma tática.

- Terrorismo: os estudiosos distinguem dois tipos de terrorismo — o seletivo, com a finalidade de eliminar determinadas pessoas, capazes de manter a população fiel à ordem vigente (elites tradicionais e o sistemático que não visa indivíduos, mas o povo em geral, com o fim de difundir o medo. Incide também sobre "coisas" de interesse coletivo, como sistema de transportes, colheitas, energia elétrica, etc.

- Sabotagem: é uma forma mitigada do terrorismo.

- Guerrilha: é a ação revolucionária materializando-se no plano militar.

8. AS FORÇAS ARMADAS NA AÇÃO ANTI-REVOLUCIONÁRIA

A ação das forças armadas para se contrapor à Guerra Revolucionária deve ser considerada sob dois aspectos:

- no período preparatório (1ª e 2ª fases).

- no período revolucionário (3ª, 4ª e 5ª fases).

No primeiro, sobreleva a importância de um Serviço de Informações bem montado, capaz de agir de forma contínua e profunda: não basta saber o que o inimigo tem ou pode fazer; preciso saber o que terá, e o que poderá fazer, para planejar em decorrência as ações necessárias.

É essencial também proteger a organização militar contra a penetração revolucionária — e para isto é também essencial o trabalho do pessoal de informações, a par com a adequada instrução dos quadros, em todos os níveis, dentro de uma mesma doutrina.

O comando único é de capital importância em tôdas as atividades, que nesta oportunidade podem ser de dois tipos: repressão e segurança, com preponderância para os últimos.

As operações de segurança visam neutralizar a pressão da propaganda revolucionária pelo emprêgo de uma contrapropaganda eficaz e proteger a população civil contra a violência, dando-lhe ânimo e confiança no governo. Eventualmente poderão ser ocupados pontos críticos, com a realização de demonstração de força para obtenção de efeito psicológico favorável. É condição importantíssima a mobilidade das forças armadas, para que possam acorrer rapidamente ao local necessário; para diminuir os prazos de possível intervenção, e para infundir confiança pela simples ação de presença, é desejável a dispersão até o nível compatível com a segurança de cada fração da força — isto é, dispersão sem pulverização.

No segundo período, as ações das forças armadas regulares contra as guerrilhas deverão nortear-se pelos seguintes princípios (Hogard):

- (a) Não tratar de igual para igual o movimento revolucionário; se assim o fizermos, estaremos trabalhando pelo seu sucesso.
- (b) Todo território onde eclodiu uma revolução armada deve ser material e moralmente isolado do exterior.
- (c) O processo revolucionário pode ser tanto mais facilmente bloqueado, quanto mais cedo fôr combatido.
- (d) A tática e a estratégia da luta anti-revolucionária devem ser gerais e combinar meios de toda natureza: psicológicos, administrativos, econômicos, sociais e culturais, visando conservar com o governo o apoio da população, que deve ser dissociada dos guerrilheiros.
- (e) Tôdas as ações anti-revolucionárias devem ser sujeitas a um comando único.
- (f) O objetivo principal e permanente deve ser a destruição da máquina político-administrativa do adversário.

- (g) As guerrilhas serão reduzidas à impotência pela ação de unidades adequadas, em qualidade e quantidade, que atuarão sempre na mesma área, conhecendo perfeitamente o terreno e a população.
- (h) A segurança dos eixos e pontos sensíveis repousa não somente na proteção estática, mas principalmente na criação de um clima de insegurança para os guerrilheiros.

Dos princípios acima parece-nos merecer destaque particular o quarto. A ligação guerrilha e população é um fator fundamental; ainda é em Mao-Tse-Tung que vamos encontrar o seguinte preceito, que é a antítese do referido princípio:

“Se a guerrilha não tiver um objetivo político, fracassará. Se o tiver, porém incompatível com os objetivos políticos do povo, também falhará pois não contará com o apoio deste. Esta é a razão básica porque a guerrilha só pode ser uma forma de guerra revolucionária. Ela é alicerçada pelas massas, que a organizam e nutrem; uma vez divorciada destas, ou não contando com a sua cooperação e participação, é impossível a sobrevivência ou a evolução da guerrilha”.

Para combater a guerrilha, é preciso conhecer os seus métodos e táticas. Na guerra do Vietnam, considerada por muitos observadores como o mais perfeito caso histórico de guerra revolucionária, valeram como diretrizes para os guerrilheiros as seguintes regras:

- (a) Combater sempre com inteligência; usar ardis, emboscadas, escaramuças — aplicação do princípio de “Economia de Forças”.
- (b) Conservar a liberdade de movimento — aplicação do princípio da Manobra.
- (c) Estimular no guerrilheiro a vontade de atacar — no avanço, na retirada, nas aldeias, na retaguarda: aplicação do princípio da ofensiva.
- (d) Manter o espírito de resolução, não tardar, não vacilar, não hesitar — aplicação do princípio de Unidade de Comando.
- (e) Saber guardar segredo: aplicação do princípio da Segurança.
- (f) Fazer a guerra de extermínio total; impor o terror nas fileiras inimigas e na população não colaboracionista: aplicação do princípio de Massa.

Estas regras se harmonizam com a conhecida síntese de Mao-Tse-Tung sobre a tática de guerrilhas:

“Se o inimigo avança, nós recuamos;
Se o inimigo pára, nós o inquietamos;
Se o inimigo cansa, nós o atacamos;
Se o inimigo se retira, nós o perseguimos”.

9. CONCLUSÕES

A guerra revolucionária, como elemento componente da guerra, compreende operações de âmbito muito mais vasto do que as da guerra clássica.

Disse Clausewitz que "a guerra é a continuação da política com outros meios". Coube a Lenine, o apóstolo da doutrina marxista, caracterizar a impossibilidade da coexistência dos sistemas capitalista e comunista com uma frase que reflete bem a perenidade do estado de guerra entre aqueles sistemas: "A política é a continuação da guerra com outros meios".

Entre estes meios, destaca-se a guerra revolucionária, pois ela objetiva uma vitória política-social e só tem condições para triunfar com o apoio ou pelo menos a complacência (obtida pelo terror) do povo. Nos países em que ela obteve êxito, o uso da força foi apenas o coroamento de um processo canceroso do organismo social.

Por motivos óbvios, o processo menos desejável para combater o movimento revolucionário é o emprêgo exclusivo da força militar. Eis porque na introdução deste trabalho declara-se que o âmbito deste tipo de guerra é muito mais na esfera civil do que na militar.

No trabalho de solapamento da estrutura político-social das nações ocidentais, os comunistas empregam uma técnica sorrateira, procurando atuar sobre o espírito público por uma ação subliminal, em que as idéias são inculcadas sem que o indivíduo se aperceba; muitos, os chamados inocentes úteis, servem de instrumento à política marxista.

O Plano de Operações realmente eficiente é aquele que eliminar as causas que provocam o descontentamento do povo: reformas sociais, legislação trabalhista e agrária, remoção enfim das contradições internas.

Os aspectos essenciais das guerras revolucionárias, que facilitam a sua identificação, são os seguintes:

- origem marxista-leninista.
- adoção possível por movimentos não-marxistas.
- importância das técnicas peculiares.
- adaptação a todas as formas de guerra.

Deve-se ao espírito francês uma definição muito sintética, mas também muito feliz:

"A guerra revolucionária é uma guerra abstrata contra um inimigo invisível".

Para combater o processo revolucionário é indispensável, antes de mais nada a VONTADE NACIONAL para resistir às suas táticas desa-

gregadoras. Esta vontade se exerce através do comando único, na concepção e execução das diretrizes governamentais, que devem atuar em todos os campos: político, psicológico, econômico e militar.

A proteção física da população é essencial, a fim de se evitar o seu isolamento da máquina de governo; enquanto não se materializar a dissociação povo x governo não há condições evolutivas do processo revolucionário.

O erro mais comum, o que se poderia dizer o calcanhar de Aquiles da guerra revolucionária, é a impaciência em concluir o processo antes de criadas as condições necessárias: com isto o poder legal adquire autoridade para a repressão pela força — a organização revolucionária, prematuramente exposta e sem o amparo da opinião pública, é facilmente destruída.

Por outro lado, o caráter mais perigoso da guerra revolucionária é a sua perenidade no tempo. Obra que se julga imortal, independe dos prazos curtos da vida humana para a consecução dos seus fins. A semente plantada pode esperar: tanto quanto possível, o "risco calculado" é abolido dos seus planejamentos.

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista de estudos e debates profissionais. É a sua tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!

VOCÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para a DEFESA NACIONAL, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCÊ.